

## JOÃO DA SILVA CORREIA

Evanildo Bechara

É com muita justiça que este número de *Confluência* homenageia a figura desse talentoso filólogo português, tão cedo roubado ao brilhante percurso acadêmico desenvolvido na Faculdade de Letras e na Universidade de Lisboa, depois de larga experiência como professor primário e liceal. João da Silva Correia nasceu na freguesia de Espariz, do conselho de Tábua, aos 21 de janeiro de 1891 e faleceu em Lisboa, em 1 de junho de 1937 (e não de *julho*, como às vezes aparece), depois de grandes padecimentos de uma doença nervosa, motivada, em grande parte, por intensíssima devoção à pesquisa e ao estudo lingüístico e filológico do Português. Fez seu curso completo no Liceu Pedro Nunes; pelo brilhantismo do curso, foi logo professor dos liceus de Beja e da Guarda, das escolas normais primárias, do Instituto de Orientação Profissional e da Escola Industrial de Fonseca Benevides. Esta experiência lhe serviu de embasamento para muitos dos seus estudos de natureza pedagógica e educacional, como podemos ver de sua bibliografia. Licenciou-se, em 1917, em Filologia Românica, pela Faculdade de Letras de Lisboa; por aí também se doutorou, em 1929, obtendo aprovação unânime. Alcançou a cátedra de Filologia Portuguesa da Faculdade de Letras em 1930, que regeu com toda a proficiência até meses antes de falecer, em 1937. Nessa mesma época era vice-reitor da Universidade de Lisboa. Discípulo dileto de Leite de Vasconcelos, enveredou com mais assiduidade no estudo das relações da Etnografia com a Lingüística e a Filologia, campo a que se vinha desde sempre aplicando seu mestre. Os laços que os prendiam se patenteiam nesse tom pesaroso de Leite de Vasconcelos: “(...) meu antigo aluno, e meu sucessor na Faculdade de Letras de Lisboa, tão cedo arrebatado à Ciência que brilhantemente cultivava, com orientação moderna, e de quem me lembro sempre com dolorosa saudade” (*Filologia Barraquenha*, pág. 79).

Apesar de sua profunda formação na área da Romanística tradicional, como revelam suas leituras nos mais credenciado autores, principalmente do dinamarquês Kritoffer Nyrop, voltou seu interesse para a língua falada e os estudos sincrônicos. Depois de Júlio Morcira, a feição do português popular ficara quase esquecida em Portugal, pelo privilegiamente da língua escrita.

João da Silva Correia retoma com brilhantismo esse rico filão, além de receber extraordinário influxo da Escola Francesa e da Estilística de Charles Bally. Acerca dessa influência manifesta-se judiciosamente Herculano de Carvalho: “Atraído pela Escola Francesa e pela “estilística” de Charles Bally, as suas obras, onde abundam as observações perspicazes e os acertos interpretativos (não obstante, por vezes, uma certa superficialidade) incidem de modo muito particular sobre a semântica e especialmente sobre os meios de expressão da língua viva, coloquial e literária, sobretudo contemporânea, o que lhe dá também o mérito da originalidade no seu meio e na sua época”. (In *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 6, s.v.).

Cedo procurou J. da Silva Correia traçar o objeto da estilística moderna, em oposição a este mesmo título dado às figuras de estilo. Em artigo publicado na *Biblos*, em 1926, intitulado “Nota pedagógico-lingüística: Estilísticas escolares” (cf. nº 38 da Bibliografia). Nele, defende o autor a renovação de metodologia, na direção de uma “colheita esclarecida e criteriosa dos fatos de estilo no seu ambiente próprio – a literatura dos cultos como a do vulgo sem letras – e a arrumação de tais fatos por categorias a tipos maiores”.

Ao fazer sucinto histórico das investigações e estudos etnográficos em seu país, no 1.º volume da *Etnografia Portuguesa*, 1933, acentua Leite de Vasconcelos algumas características da produção intelectual de João da Silva Correia, sobretudo na relação íntima dos aspectos etnográficos e lingüísticos: “Silva Correia, Professor Catedrático de Filologia Portuguesa na Faculdade de Letras de Lisboa, e antigo Professor da Escola Normal de Benfica, une, como Adolfo Coelho, os estudo etnográficos aos glotológicos e pedagógicos, procurando esclarecer uns com os outros. Animado de grande gosto da ciência, e já senhor de muitos conhecimentos, e do método, é um dos nossos jovens etnógrafos de cuja capacidade muito se deve esperar. Os seus primeiros escritos apareceram na *R[evista] L[usitana]*, de 1916 a 1925, na qual, além da mencionada análise do livro de Visconde de Carnaxide, e de amostras de calão acadêmico, publicou uma série de artigos subordinados à denominação geral de “Migalhas etnográficas”, constantes de notícias de costumes, jogos, credences, e bem assim de frases e comparações populares, e de uma apreciável coleção de 480 canções de Espariz, seu berço. Silva Correia não nos deu ainda por ora muitos trabalhos etnográficos. Nem sempre porém devemos aquilatar o mérito de um escritor pela quantidade dos trabalhos que produz. O que se quer é que o que sai à luz seja bom. Em tal caso estão os citados estudos do nosso autor, e mais os dois seguintes que publicou ultimamente: *A interpretação verbal de sons e ruidos naturais*, 1926, fundado no estudo de rimas e de expressões da linguagem familiar; e *Alguns paralelos entre a literat[ura] culta e a literat[ura] pop[ular] portug[uesa]*, 1927, que, com outros, serviu a Silva

Correia de habilitação para o doutoramento que em 1929 conseguiu com extremo brilho na Faculdade de Letras. Vário *folklore* entra também em escritos seus não especialmente de Etnografia, por exemplo: *Eufemismo e disfemismo na língua e liter[atura] portug[uesa]*, 1927; na *Linguagem da mulher em relação à do homem*, 1927; na *Arte de contar contos*, já citado a p. 280, nota 2.<sup>a</sup>, e em *A rima e a sua acção lingüística, literária e ideológica*, 1930 (dissertação de concurso para professor catedrático); composições estas muito notáveis e reveladoras de grande perspicácia psicológico-glotológica” (págs. 289-290).

A atividade intelectual do nosso homenageado não se limitava à elaboração de livros e artigos em revistas especializadas; a maior parte de sua produtividade se espalha por jornais e revistas de cultura e as destinadas ao público em geral, de tal monta e com tal variedade que se pode dizer ser quase impossível a recolha da seus artigos esparsos na imprensa portuguesa. Dentre as fontes até aqui identificadas, podemos citar *Seara Nova*, *Labor*, *Lusa*, *Portucalé*, *Diário de Tarde*, *Alma Nova*, *Os Ridículos*, *O Sol*, *Gazeta das Colônias*, *A Voz* e, com maior assiduidade, *Diário de Notícias*, para o qual, entre 1925 e 1935, colaborou com a seção intitulada “*Notas filológicas*”. Por isso mesmo, o referido periódico lisboeta, no obituário a ele dedicado no número de 2 de junho de 1937, se pronunciou comovidamente em longa notícia, revelando, ao lado do competente filólogo, o homem afável e sensível; desta nota transcrevemos os seguintes tópicos tão expressivos quanto sinceros:

A notícia desta morte causou grande impressão de pesar não só nos meios culturais e acadêmicos da capital, onde o prof. Dr. Silva Correia era extremamente conceituado, mas também entre muitas e muitas pessoas que tinham pela sua inteligência e pelo seu caráter a mais viva das admirações. A gente dos jornais, sobretudo, e dela muito especialmente os que trabalham no *Diário de Notícias*, de que foi colaborador notável, rendiam a esse mestre muito distinto de filologia, modesto e sabedor como poucos, aquele preito de veneração que sempre lhe merecem as personalidades como a sua, de efetivas e elevadas qualidades intelectuais e morais. Com efeito, se a cultura desse emérito professor de letras muito e sempre nos deliciou e nos surpreendeu, hemos de confessar que a sua cordialidade e simplicidade eram virtudes que não menos ganhavam as nossas simpatias. Explicações que por vezes – tantas vezes! – lhe requera sobre assuntos de sua especialidade e outros eram-nos dadas por forma que não sabíamos o que delas mais nos encantava – se a clareza e a persuasão dos conceitos expendidos, se a afabilidade e o carinhoso tom de voz com que os pontuava. Assim nos habituamos a venerá-lo como um insinuante mestre de muita sabedoria, e ao mesmo tempo amigo, de maneiras sumamente cativantes. O certo é que ele era assim para com todos os seus colegas e discípulos; uma personalidade sedutora, cujo convívio se não pode com facilidade esquecer. Na Faculdade de Letras era um elemento de grande valor. Ilustrava-a na

sua cátedra, em preleções e lições que se apontavam como exemplares; no exercício duma justiça tolerante para com os estudantes seus alunos; em trabalhos de publicista e de grande relevo cultural e, em resumo, na irradiação do seu claro espírito, iluminado de sapiência e de bondade.

Ao iniciar sua *Revista Portuguesa de Filologia*, Manuel de Paiva Boléo presta comovida homenagem a João da Silva Correia, ao mesmo tempo que lhe analisa criticamente a produção, com a competência e isenção que todos reconhecemos ao saudoso mestre de Coimbra:

O que caracteriza, de uma maneira geral, estes trabalhos, é o grande interesse do autor pela língua portuguesa moderna, literária e falada. João da Silva Correia dirigiu a sua atenção para aspectos e fenômenos mal estudados ou ainda não estudados entre nós, como o eufemismo e o disfemismo, os reflexos, na língua, dos sinais gráficos (p. ex. o estudo de expressão como “ir num ápice”), a gíria acadêmica, sobre a qual publicou algumas pequenas amostras na *Revista Lusitana* (vol. 21), as interjeições, de que só ele e Said Ali se ocuparam, etc. Não faltam nas obras de Silva Correia observações interessantes e perspicazes, especialmente nos *Reflexos filológicos*, e é abundante o material de fatos que traz. Um dos méritos dos seus trabalhos, e que representa uma quase novidade para a filologia portuguesa da época, é o de procurar, acima de tudo, surpreender a psicologia do povo português através da sua língua, atitude que tem, naturalmente, os seus perigos; daí o grande lugar que concede ao valor estilístico (isto é, afetivo-expressivo) de muitas palavras e locuções. Outra qualidade das suas obras reside no confronto que faz, amiudadas vezes, com algumas das restantes línguas românicas, em especial o francês e o espanhol. Ao campo da etimologia, que, aliás, só esporadicamente cultivou, trouxe uma ou outra observação valiosa, sob o aspecto semântico. O seu método é preferentemente descritivo e sincrônico, e aí reside a sua deficiência. João da Silva Correia não faz, por via de regra (posso mesmo afirmar que raras vezes o terá feito, a história de um fato lingüístico, desde o seu aparecimento até à atualidade, como procurou, de certo modo, fazer Said Ali para a evolução do tratamento de “vossa mercê”; limita-se, na maior parte dos casos, a registrar a existência duma expressão, a qual nem sempre explica suficientemente. Outros casos há, porém, em que procura explicar – e com felicidade – algumas palavras e expressões: é o caso da palavra *gregotil* e *gregotins* (“garatujas”), a que dedica algumas páginas dos *Reflexos filológicos*. Estas ligeiras observações críticas e restrições ao método empregado pelo Dr. J. [da] Silva Correia não me impedem, porém, de reconhecer às suas obras grande interesse, já pelo material de fatos apresentados, já pela atenção que dedicou a aspectos da nossa língua ainda não estudados. (vol. I, 1948, págs. 615-16).

João da Silva Correia manteve laços de amizade com alguns dos mais notáveis filólogos brasileiros da época; talvez o que do mestre português mais se aproximou pela, creio eu, afinidade dos estudos de natureza sintática e semântica e pela receptividade em Portugal dos seus livros (p.ex. os *Novos estudos* aparecem citados na *Sintaxe histórica* de Epifânio Dias e nas *Lições de filologia portuguesa* de Leite de Vasconcelos) foi Mário Barreto. Além das afinidades temáticas no campo da sintaxe e da semântica, ambos, não raras vezes, faziam incursões pelo francês e pelo espanhol, idiomas que conheciam com profundidade. O nome de João da Silva Correia não aparece no minucioso e prestante *Índice alfabético e crítico da obra de Mário Barreto*, organizado por Cândido Jucá (filho) e com a colaboração do Conde de Pinheiro Domingues; entretanto, mais de uma vez o filólogo brasileiro se refere ao colega português, e sempre entusiasticamente, como comprova a citação da página 167 dos *Últimos Estudos*, ao tratar de neologias na formação de nomes que designam profissões também exercidas por mulheres:

Relativamente aos femininos *a chefe* e *a ajudanta* (...) dou a palavra, para lhe responder, ao Prof. Dr. João da Silva Correia, assistente da Faculdade de Letras de Lisboa e digno discípulo do eminente mestre Leite de Vasconcelos (2ª ed., 1986).

Quando, no Rio de Janeiro, se pensou em organizar homenagem a Mário Barreto, um dos especialistas convidados foi João da Silva Correia, que enviou comunicação intitulada *Ecos lingüísticos dos sinais diacríticos e pontuadores*; não se concretizando a homenagem, a comunicação foi inserida nas páginas dos *Reflexos filológicos dos sinais gráficos e do seu aprendizado* (1932).

Prova de amizade e afeto ao filólogo brasileiro manifesta-o o sentido necrológico que João da Silva Correia publicou no jornal *A Voz* de 21/10/1931 e na revista *A língua portuguesa* (volume III).

Coube ainda a João da Silva Correia proferir discurso de saudação, em 1934, à nossa poetisa Cecília Meireles, que pronunciaria conferência na Faculdade de Letras de Lisboa.

Tarefa por demais difícil enfrenta o pesquisador que desejar levantar os esparsos do nosso homenageado, ainda que tal levantamento se imponha como imperiosa justiça ao valor de João da Silva Correia. Não é sem razão que Paiva Boleo, no *In memoriam* citado atrás, tenha declarado:

A Faculdade de Letras de Lisboa tem ainda para com J. da Silva Correia uma dívida em aberto: organizar e publicar, ao menos, a bibliografia, tão completa quanto possível, do seu antigo professor (...) (pág. 614 nota).

Esta dívida não está esquecida. O competente e operoso filólogo Ivo Castro, já há alguns anos, preocupado com ela, honrou-nos com o convite de elaborar estudo inicial à nova edição da tese *A Rima*, acompanhado de levantamento, tão exaustivo quanto possível, de seus esparsos.

Não passou despercebido ao saudoso catedrático de Coimbra que grande parte da tarefa se devia a que o nosso homenageado dispersou sua produtiva atividade em jornais e revistas das mais variadas naturezas, dentro ou fora da especialidade propriamente filológica ou pedagógica. Por outro lado, um longo estudo temático poderia apresentar-se fragmentado na mesma publicação ou em publicações diferentes. É o que ocorreu, por exemplo, com seus nove artigos que integram a sua tese intitulada *A rima e a sua ação lingüística, literária e ideológica*, distribuída por *O Instituto*, de Coimbra; *A Língua Portuguesa*, de Lisboa; *Labor*, de Aveiro; *Portucale*, de Lisboa; *Biblos*, de Coimbra; *Arquivo Pedagógico*, de Coimbra e *Seara Nova*, de Lisboa.

Mais complexo ainda é o caso dos seus artigos sobre interjeição; no capítulo quinto e final, publicado na *Revista de Philologia e História*, do Rio de Janeiro, aludia J. da Silva Correia aos quatro anteriores, dos quais só temos conhecimento dos dois saídos à luz, como indicamos no n.º 50 da relação bibliográfica a seguir.

Com a ajuda da recolha organizada por Giacinto Manupella e Serafim da Silva Neto, além de informações esparsos em livros e revistas, a nossa pesquisa chegou à presente Bibliografia que, estamos seguro, está longe de completa:

### Bibliografia

1. De pequenino se torce o pepino (in *Os ridículos*, jornal lisboeta, 1912. Referido em *Alguns paralelos*, 429-430).
2. O parasitismo português – in *Revista de Educação* – série V, nº 1 e 2, 1916, pág. 79 e 82.
3. Migalhas etnográficas (*RL*, 19, 217-220 e 209, 1916).
4. Notas filológicas (*RL*, 20, 322, 1917).
5. Alguns espécimes de calão acadêmico (*RL*, 21, 330, 1918).
6. Casos de prolepse fonética (*RL*, 21, 338, 1918).
7. O papel das Escolas Normais superiores na reorganização da Sociedade Portuguesa (discurso pronunciado na Sessão Solene de Abertura da Universidade de Lisboa, no ano letivo de 1917-1918) – Imprensa Nacional, Lisboa, 1920 – 27 págs.

8. O doutor Adolfo Coelho e o seu labor pedagógico – Tese de exame do estado para o magistério normal primário. – Lisboa, 1920 – 48 págs.
9. O doutor Adolfo Coelho – Pedagogo – Separata da *Lusa* (Viana do Castelo). Vol. III – Tip. Minerva. Famacião. 1920 – 84 págs.
10. A condução pedagógica da lição no ensino liceal – (Tese de exame de estado para professor dos liceus). – Lisboa. 1920 – 33 págs.
11. As janeiras (*RL*, 23, 189, 1920).
12. Três metáteses da língua popular (*RL*, 23, 185, 1920).
13. Discurso na despedida do primeiro curso de diplomados da Escola Normal Primária de Lisboa, em Benfica – Lisboa. 1922.
14. Frederico Diez e a Filologia Românica (conferência realizada em 2 de junho de 1923, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). Imprensa da Universidade – Coimbra, 1923 – 33 páginas.
15. Uma carta de Cavaleiro de Oliveira riquíssima de locuções populares (*RL*, 25, 291, 1923-1925).
16. Educação do pensar imaginativo e do pensar lógico. – Separata do *O Instituto*, vol. 71, nº 6 – Imprensa da Universidade. – Coimbra, 1924 – 24 páginas.
17. Projeto de um programa de língua materna para a escola primária geral (conferência). – Separata de *O Instituto*, Coimbra, 1924.
18. *Os Lusíadas e a política colonial portuguesa* – in *Gazeta das Colônias*, pág. 10 – Lisboa 19/7/1924. (Nº 1 espécimen).
19. “Instruções sobre jogos de leitura (Portaria nº 3891)” (em colaboração com Alberto Pimentel, in *Boletim Pedagógico*, 1, 2-2, 1924)
20. O vocabulário da mulher em relação ao do homem – in *Biblos*, vol. 1. Nº 4. Abril, 1925, pág. 151
21. Livros primários de leitura (Conferência realizada na Escola Normal de Lisboa para o curso de aperfeiçoamento de professores de 1924). – Lisboa, 1925 – 39 págs. – (Anteriormente já publicada na *Revista de Educação* - Série V, nº 3 e 4 – Outubro 1917, tendo sido objeto de comunicação feita à Sociedade de Estudos Pedagógicos na Sessão de 28 de Junho de 1916).
22. A linguagem dos olhos na observação popular (Nota filológica no *Diário de Notícias*, transcrito em *Alguns*, 314).
23. A antropomorfização na linguagem (Nota filológica no DN in *Alguns*, 364).
24. Uma locução francesa estereotipada que interessa à literatura portuguesa (Nota filológica no DN, in *Alguns*, 436).
25. Tabus lingüísticos (Nota filológica no DN, in *Eufemismo*, 455).
26. Nome próprio e personalidade (Nota filológica no DN in *Eufemismo*, 458).

27. A propósito de uma aceção eufêmica do nome próprio *Palmela* (Nota filológica no DN, in *Eufemismo*, 472) [carnaval de 1927].
28. A propósito da deformação eufêmica “T’arrenecho!” (Nota filológica no DN, in *Eufemismo*, 571).
29. Um curioso caso de polinímia (Nota filológica no DN, in *Eufemismo*, 613).
30. [Artigo sem título sobre “mudanças extremas de significação”] (Nota filológica no DN in *Eufemismo*, 643).
31. Deformação disfêmica (Nota filológica no DN, in *Eufemismo*, 767).
32. [Artigo sobre denominações profissionais exercidas por mulheres] (Nota filológica no DN, citado por Mário Barreto in *Através*, 338).
33. A propósito de um vocábulo de torna-viagem (Nota filológica no DN, transcrito em *Influências do inglês*, 56-58).
34. Números redondos e indeterminados (Nota filológica no DN, citado por Rebelo Gonçalves in *Filologia*, 213 n.3).
35. O problema do simbolismo fonético – Separata de *O Instituto*, pág. 73 – Imprensa da Universidade de Coimbra, 1926 – 30 págs.
36. A difícil função do professor em Portugal (Conferência) – Lisboa, 1926 – 25 págs.
37. A interpretação verbal de sons e ruídos naturais – Coimbra, 1926 – 25 págs.
38. Nota pedagógico-lingüística. Estilísticas Escolares – Coimbra, 1926, Biblos, vol. 11, págs. 181-183.
39. A linguagem da mulher em relação à do homem – Lisboa, 1927.
40. O ensino inicial da leitura e da escrita – Lisboa, 1927 – 47 págs.
41. Considerações acerca da proposta de lei, sobre os serviços da reorganização da educação nacional, apresentada ao parlamento pelo Ministro Dr. João Camoesas – Lisboa, 1927 – 38 págs.
42. O eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa – Separata do *Arquivo da Universidade de Lisboa*, Vol. XII – Lisboa, 1927 – 343 págs.
43. Alguns paralelos entre a literatura culta e a literatura popular portuguesa – Separata do *Arquivo da Universidade de Lisboa*, Vol. XII – Lisboa, 1927 – 135 págs.
44. A psicologia feminina na literatura francesa medieval – Separata do *Arquivo Pedagógico* – Coimbra, 1927 – Ano 1, n.2, pág. 114 – 123 págs.
45. A idéia da escola por medida preconizada pelo prof. Claparede, da Universidade de Genebra – in *Revista Escolar*, ano 7º, nº 5 – 1927.

46. Algumas observações acêrca da influência do inglês no português, e do maior veículo dela – o francês. Imprensa da Universidade – Coimbra, 1928 – 100 págs.
47. Metodologia da lição de leitura na escola primária – Lisboa, 1928 – 38 págs.
48. Duas palavras sobre metaforismo sinestético – Separata de *Portucale*, vol. I, nº 6 – Porto, 1928 – 11 págs.
49. A audição colorida na moderna literatura portuguesa. – Separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, 1928 – 23 págs.
50. Conseqüências psicológicas do eufemismo – In *Arquivo Pedagógico*, Vol. II, nº 2. – Coimbra, 1928 – pág. 208.
51. Tentativa de explicação semântica: a palavra “doutor” na acepção de vaso noturno (*Portucale*, 1928, citado em *Eufemismo*, 534).
52. A arte de contar contos e a sua didática escolar – Publicações da *Revista Escolar* – Lisboa, 1929.
53. *A rima e a sua ação lingüística, literária e ideológica* – Lisboa, 1930.
  - I – Rima inicial e rima final – Lisboa, 1930 – 77 págs.
  - II – Ação lexical da rima – Coimbra, 1930, separata de *O Instinto*, 79, – 1º – 71 págs.
  - III – Ação gráfica e fonética da rima. – Lisboa, 1930, separata de *A Língua Portuguesa* - 24 págs.
  - IV – Ação mórfica e ação sintáctica da rima. Aveiro – Separata de *Labor* – 29 págs.
  - V – Ação semântica da rima – Porto, 1930 – separata de *Portucale*, Vol. III nº 14 – 31 págs.
  - VI – Ação estilística da rima – Coimbra, 1930 – separata da *Biblos* – Vol. Ns. 1-2; págs. 74, 91 – 24 págs.
  - VII – Ação literária da rima – Lisboa, 1930 – 59 págs.
  - VIII – Ação ideológica da rima – Coimbra, 1930 – separata do *Arquivo Pedagógico*, Vol. IV – 41 págs.
  - IX – Visão panorâmica complementar – Lisboa, 1930 – 45 págs.
54. A interjeição – *Revista de Philologia e de História*, pág. 50/51. – Tomo 1, fascículo 1, (1931) [Este é o último capítulo de cinco, dos quais o primeiro é o referido no nº 52, o segundo no nº 67; o terceiro (A interjeição nas suas relações com a lógica) e o quarto (Vida geral da interjeição) indicados no quinto capítulo, parece não foram publicados).

55. Ação lingüística da métrica (*Seara Nova*, IX, nº 210, pág. 275 – 278, Lisboa, 1930).
56. Relatório de uma missão de representações da filologia portuguesa, realizada em 1930 em Paris, por convite e à expensa do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual. – In Boletim Anual da Bibliografia da Filologia Românica. – Publicação da *Revista Escolar* – Lisboa, 1931 – 8 págs.
57. Alguns processos de expressividade fonética (Nota in *Portucale*, Vol. nº 20 – 1931).
58. Na morte de Mário Barreto (In *A Língua Portuguesa*, III, 44-49, *A Voz* de 21/10/1931).
59. Ecos lingüísticos da soletração e da silabação (*RL*, 30, 98, 1931).
60. Necessidade da criação de um conselho lingüístico nacional (comunicação apresentada ao Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, de 1932, em Lisboa) in *Boletim de Filologia* - Tomo I, 1932, pág. 374.
61. Alguns casos de semântica abecedária. In *Boletim de Filologia*. Tomo I, 1932, pág. 357.
62. Valor dos trocadilhos para o conhecimento da pronúncia antiga e dialetal. In *Boletim de Filologia*, Tomo I, 1932, pág. 359.
63. Etimologia do vocábulo “garavotil”. In *Boletim de Filologia*, Tomo I, 1932, pág. 361.
64. O número redondo “sete” na toponímia lisboeta – in *Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais* – Ano II, nº 5, 1932, pág. 5.
65. O livro e a escola das Beiras (tese apresentada ao Congresso Beirão de 1932) – Lisboa, 1932.
66. Reflexos filológicos dos sinais gráficos e do seu aprendizado – Academia das Ciências de Lisboa, 1932 – 181 págs.
67. Ecos vocabulares e fraseológicos dos sinais abecedários (*RL*, 30 págs. 98, 1932).
68. Reparo crítico a um passo do “Cantar de mio cid”. – Separata da “Revista da Faculdade de Letras”- Tomo I. – Lisboa, 1933 – 13 págs.
69. Em defesa do direito de propriedade da marca “maizena”. – Lisboa, 1933.
70. Sobre a denominação portuguesa das filiais na Associação Internacional – “Le Noël” – Separata da *A Língua Portuguesa* – Vol. IV, fascículo 1 – Lisboa, 1934 – 56 páginas.
71. A literatura popular das beiras – seu valor e correlação com a literatura culta portuguesa. – Lisboa, 1934.

72. Os bordões da conversação (*R Fac Letras*, II, fasc. 1º, 141-144, 1934).
73. Considerações gerais sobre a denominação, as espécies, os domínios e os processos da interjeição (*RL*, XXXII, p. 234-249, 1934).
74. Uma etimologia popular que contém a crítica do parlamentarismo – in *Revista da Faculdade de Letras* – Tomo II, nº 1 – Lisboa, 1934.
75. Eduardo Brazão – Capitão Correia dos Santos – Margarida Lopes de Almeida – apresentação de 3 conferencistas – in *Revista da Faculdade de Letras* – Tomo II, nº 1, pág. 167, 1934.
76. O imperfeito verbal na literatura moderna – in *Revista da Faculdade de Letras* – Tomo II, nº 1, pág. 140, 1934.
77. O nome da ave “poupa” – in *Etnos, Revista do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia*, vol. I, p. 11-13, 1935.
78. Discurso inaugural do curso de férias de 1935 – In *Revista da Faculdade de Letras* – Tomo II, nº 2 – Lisboa, 1936.
79. Discurso pronunciado em Sezimbra em 28/8/1935 – (Curso de férias) – in *Revista da Faculdade de Letras*, Tomo II, nº 2 – Lisboa, 1936.
80. Discurso de encerramento de curso de férias de 1935 – *Revista da Faculdade de Letras*. Tomo II, nº 2
81. *A linguagem da mulher* – Lições proferidas em 20, 21 e 23 de fevereiro de 1935. – Academia das Ciências de Lisboa – 1935 – 149 págs.
82. A literatura popular portuguesa em correlação com a literatura culta (conferência) – Porto, 1935 – 52 – 62 págs.
83. Os cursos de férias e o turismo (Tese apresentada ao 1º Congresso Nacional de Turismo) – in *Revista da Faculdade de Letras* – Tomo IV, ns 1 e 2 – Lisboa, 1937 – (Há também separata publicada pelo Congresso, em 1936).
84. Discurso inaugural de curso de férias de 1936 – in *Revista da Faculdade de Letras* – Tomo II, nº 2 – Lisboa, 1936.
85. DISCURSO de encerramento de curso de férias de 1936, na *Revista da Faculdade de Letras*. Tomo II, nº 2 – Lisboa, 1936.
86. O problema dos contos portugueses para crianças e a arte de os contar – Lições de curso de férias da Faculdade de Letras, 1936 – Imprensa Nacional de Lisboa, 1936 – 31 págs.
87. A cidade universitária (Conferência) – Separata das conferências sobre Problemas de Urbanização – Lisboa, 1936 – 26 págs.
88. A propósito da palavra “antanho”(Nota in *Revista Faculdade de Letras*, Tomo II, nº 1 – Lisboa, 1936, pág. 137.

89. Doutor Jaime de Magalhães Lima (“in memoriam” – in *Revista da Faculdade de Letras*, Tomo II, nº 1, Lisboa, 1936, págs. 359).
90. Doutor Manuel de Sousa Pinto – Idem. Idem.
91. O problema das linguagens especiais dentro da língua geral visto através do português (conferência realizada no programa do curso de férias, em Cascais, da Faculdade de Letras de Lisboa., 1936).
92. Uma alta figura da ciência portuguesa – o Doutor Leite de Vasconcelos (conferência) – idem, idem.
93. A reforma da Universidade – *Revista da Faculdade de Letras*, Tomo IV, nº 1 e 2 – Lisboa, 1937.
94. Discurso pronunciado em 18 de dezembro de 1934, ao apresentar a poetisa brasileira D. Cecília Meireles, na conferência que esta realizou na Faculdade de Letras – In *Revista da Faculdade de Letras* – Tomo IV – nº 1 e 2 – Lisboa, 1937.
95. Discurso pronunciado na inauguração do curso de língua e literatura francesa contemporânea. – In *Revista da Faculdade de Letras* – Tomo IV – nº 1 e 2 – Lisboa, 1937.
96. Apresentação da escritora americana D. Alice Lardé de Venturino – Idem, idem.
97. Discurso na inauguração do curso livre de língua e literatura moderna espanhola – Idem, idem.
98. Gil Vicente – obra inacabada.

\*\*\*